



**GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA/UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DAS GRAÇAS QUEIROZ

**FORMAÇÃO DE LEITORES, UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA NA E.E.E.F.II. SANTA
FILOMENA, MONTEIRO/PB.**

MONTEIRO – PB
2014

MARIA DAS GRAÇAS QUEIROZ

**FORMAÇÃO DE LEITORES, UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA NA E.E.E.F.II. SANTA
FILOMENA, MONTEIRO/PB.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

Orientador: Dr. Francisco Vítor Macedo Pereira/UNILAB

MONTEIRO – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Q3f Queiroz, Maria das Graças

Formação de leitores um relato de experiência, na E. E. E. F. II Santa Filomena, Monteiro/PB [manuscrito] / Maria das Graças Queiroz. - 2014.
4 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2014.

"Orientação: Francisco Vitor de Macedo Pereira, PARFOR".

1. Educação. 2. Formação de Leitores. 3. Incentivo à Leitura.
I. Título.

21. ed. CDD 372.42

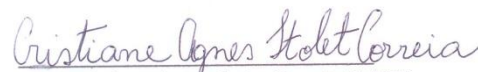
MARIA DAS GRAÇAS QUEIROZ

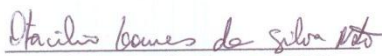
**FORMAÇÃO DE LEITORES, UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA E.E.E.F.II. SANTA FILOMENA,
MONTEIRO/PB.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

Aprovada em 14/06/2014.


Prof. Dr. Francisco Vitor Macedo Pereira / UNILAB
Orientador


Prof. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia / UEPB
Examinadora


Prof. Me. Otacilio Gomes / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tornar concreto este sonho em minha vida, mesmo com algumas restrições de saúde, e por ter estado presente em todos os meus momentos.

Aos professores que compartilharam conosco os seus conhecimentos e nos auxiliaram na busca da realização plena de nossos ideais profissionais e humanos. De modo especial aos Professores Luiz Cavalcante e Francisco Vítor Macedo Pereira, que colocaram em minhas mãos as ferramentas necessárias para a descoberta de novos horizontes.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com afeto, ao meu esposo Evilázio Gonçalves da Silva, ao meu filho Guilherme Antônio, à minha mãe Rita Maria, aos mestres que, pacientemente, souberam tolerar nossas ausências, compreendendo e apoiando as horas de nossos esforços.

Aos nossos educandos, que sempre demandam ações para a efetivação da aprendizagem como algo realmente especial, com qualidade de recursos humanos e materiais, com espaços diversificados, plurais e inclusivos, onde cada comunidade represente o seu mundo, na distinção de sua própria cultura e na valorização de sua gente. Só assim, penso, seremos verdadeiramente merecedores do dom de cultivar, de dar e de receber a aprendizagem.

RESUMO

Este trabalho vem mostrar a importância da leitura para a construção do conhecimento, buscando a descrição compreensiva dos modos de olhar, de sentir e de vivenciar a significância do processo de aquisição e de maturação da mesma, na vida e no aprendizado dos estudantes. O fracasso escolar tem levado a muitas discussões nos meios pedagógicos e a leitura é essencial para resolver esse problema. É muito importante se ter consciência de que a derrisão e mesmo a falência da escola, muitas vezes, estão ligadas aos desencantos e aos desencontros, conseqüentes da falta de interação entre o professor e os alunos, mediante os conteúdos que exigem leitura, interpretação e comunicação - de ideias, de ideais, de sentidos, de conceitos e de símbolos contidos em registros textuais. De fato, por falta de conhecimento, alunos e também professores parecem desconhecer técnicas mais apropriadas de leitura e de formação de leitores, e demonstram trabalhar com os textos por obrigação. A leitura é, no entanto, algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer o nosso vocabulário, obter conhecimento, ampliar exponencialmente as nossas relações com o mundo e com as culturas, além de dinamizar o raciocínio, a comunicabilidade e a interpretação dos modos, das mensagens e dos símbolos da interação e da produção humana. Muitas pessoas dizem não ter paciência para a leitura. No entanto, isso acontece basicamente por falta de hábito; haja vista que, se a leitura fosse um costume incentivado desde cedo, as pessoas saberiam, por exemplo, apreciar uma boa obra literária, com tudo o que ela traz de reflexão, de crítica, de ensinamento e igualmente de prazer a propósito da condição humana. Infelizmente, poucos alunos de nosso país têm contato diuturno com a literatura, ou são devidamente incentivados para isso, sendo que a maioria só lê quando chega à escola, e só lê o que é demandado pela escola. A leitura, no entanto, pode abrir todas as portas para entender o mundo que nos rodeia. Cabe aos professores a função primordial de desenvolver nos alunos o papel de disseminadores e de cultores do próprio conhecimento, ensinando e aprendendo, abrindo caminhos para que todas e todos se tornem crescentemente amantes da leitura e do conhecimento.

Palavras-chave: formação de leitores; incentivo à leitura; relato de experiência.

RESUMEN

Este trabajo enseña la importancia de la lectura para la construcción del conocimiento, buscando la descripción comprensiva de los modos de mirar, de sentir y de vivenciar la importancia del proceso de adquisición y de maduración de la misma en la vida y en el aprendizaje de los estudiantes. El fracaso escolar ha llevado a muchas discusiones en los medios pedagógicos y la lectura es algo esencial para resolver ese problema. Es muy importante tener consciencia de que el desprecio y mismo la falencia de la escuela, muchas veces, están relacionadas a los desencantos y a los desencuentros, consecuentes de la falta de interacción entre el profesor y los alumnos, mediante los contenidos que exigen lectura, interpretación y comunicación – de ideas, de sentidos, de conceptos y de símbolos injeridos en los registros textuales. De hecho, por falta de conocimiento, alumnos y también profesores parecen desconocer técnicas apropiadas de lectura y de formación de lectores, y demuestran trabajar con los textos tan sólo por obligación. La lectura es, sin embargo, algo crucial para el aprendizaje del ser humano, pues es a través de ella que podemos enriquecer nuestro vocabulario, conseguir conocimiento, ampliar exponencialmente nuestras relaciones con el mundo y con las culturas, además de dinamizar el raciocinio, la comunicabilidad y la interpretación de los modos, de mensajes y de los símbolos de la interacción y de la producción humana. Muchas personas dicen no tener paciencia para leer un libro. Sin embargo, eso acontece básicamente por la falta de hábito; ya que, caso la lectura fuera una costumbre incentivada desde temprano, las personas sabrían, por ejemplo, apreciar una buena obra literaria, con todo lo que ella trae de reflexión, de crítica, de enseñamiento e igualmente de placer, a propósito de la condición humana. Infelizmente, pocos alumnos de nuestro país tienen contacto con la literatura, o son debidamente incentivados para eso, siendo que la mayoría solamente lee cuando llega a la escuela y solamente lee lo que es determinado por la escuela. La lectura, sin embargo, puede abrir todas las puertas para entender el mundo que nos rodea. Cabe a los profesores la función primordial de desarrollar junto a los alumnos el papel de diseminadores y de cultores del propio conocimiento, enseñando y aprendiendo, abriendo caminos para que todos y todas se tornen crecientemente amantes de la lectura y del conocimiento.

Palabras-clave: formación de lectores; incentivo a la lectura; relato de experiencia.

Sumário

Introdução	10
1. A experiência na Escola Estadual Santa Filomena-Monteiro/pb	16
2. Algumas considerações a respeito de educação e de identidade para a formação leitora de jovens e de adolescentes.....	23
2.1 A articulação mediadora da leitura: promovendo o grupo e o indivíduo.	27
3. A análise das dificuldades que os estudantes da E.E.E.F..II Santa Filomena, da cidade de Monteiro/pb, enfrentam para a sua formação e para o seu desenvolvimento leitor.....	31
Referências Bibliográficas.....	40
Anexos.....	41

INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho consiste, na perspectiva da reflexão sobre uma experiência concreta, em analisar e em evidenciar a importância da leitura, tratando-a como ferramenta de instrução e de construção imprescindível para se trabalhar os aspectos psicológicos e cognitivos dos estudantes, voltados para o seu desenvolvimento humano e para a formação crítica e consciente de suas personalidades. Analisando as formas curriculares e pedagógicas tradicionais - centradas no livro didático -, conforme as quais o ensino vem sendo concebido em nosso país, nos deparamos com diversas dificuldades que esbarram e que confluem na insuficiência ou na não familiaridade das crianças, dos adolescentes e dos jovens com as letras, especificamente no que tange a construção consciente e autônoma dos sentidos e dos conceitos encerrados nos conhecimentos escolares: grandemente em contraste com os conhecimentos e com as experiências de mundo. O educando, via de regra, lê os textos, porém não consegue estabelecer uma relação intelectual/cognitiva, tampouco afetiva, de autonomia: em consonância entre o que está escrito, a prática de sua leitura e os seus significados diante da vida e da construção de sua personalidade individual e coletiva.

Diante desse quadro praticamente generalizado de apatia e de desencontro com as letras, nos perguntamos quais são os mecanismos de ensino equivocados ou as abordagens defasadas/divorciadas da realidade, que estão sendo indevida e indiscriminadamente disseminadas no âmbito escolar brasileiro, as quais acabam por inviabilizar ou por emperrar a prática da leitura e, conseqüentemente, da escrita, da reflexão crítica, da participatividade e da tomada de consciência diante da realidade do mundo da vida, tornando-as algo distante e mesmo estranho aos sentimentos, aos pensamentos e as reflexões dos nossos estudantes?

O fato é que a leitura e a escrita estão longe de serem contempladas no âmbito escolar de modo espontâneo, como convites ao prazer e ao compartilhamento de descobertas e de experiências sobre o mundo da vida; sendo ainda hoje, muitas vezes, colocadas como mero pretexto para o ensino de gramática e de outros conteúdos curriculares formais e estanques. Os processos de aquisição da leitura e da escrita, conforme praticados e valorizados por nossa escola, não levam devidamente em consideração a construção dos sentidos do texto, as experiências de vidas envolvidas, os sentimentos percebidos, tampouco os conhecimentos intuídos e que nele - estão contidos.

Considerando que os processos de leitura e de escrita são primordiais para o desenvolvimento dos educandos em todos os sentidos, as relações que se estabelecem entre interlocutores e textos precisam ser constantemente analisadas, pensadas, interpretadas e atualizadas - com todo o cuidado - pelos envolvidos nos processos comunicativos e expressivos de ensino e de aprendizagem: a atentar para o máximo de possibilidades criativas, de situações de descontração, de livre fruição das ideias, de concepções e de relatos de sentidos e de experiências sempre mais plurais. O mais importante, no entanto, talvez seja atingir a condição em que se supere, em definitivo, a concepção do procedimento de aquisição de leitura como algo restritamente pautado na codificação dos textos.

Por outro lado, é inquestionável a necessidade de se entender a prática da leitura e da escrita como partes/atividades indissociáveis - dinamizadas, sentidas, compartilhadas e vivenciadas em conjunto; as quais sejam fundamentalmente atuadas como as verdadeiras responsáveis pela construção da autonomia, da sensibilização, da humanização e pelo senso crítico-reflexivo dos educandos em formação: para o mundo da vida, da política, da cultura, do conhecimento e do trabalho mais livre, mais justo, mais sensível e mais belo, com o qual todos sonhamos.

Nessa perspectiva, deve-se levar em consideração os meios pedagógicos que têm sido utilizados em sala de aula, com a finalidade de aquisição e de desenvolvimento da leitura, a fim de que se possa compreender e assegurar o processo de ensino e de aprendizagem da mesma como uma atividade de vivência diuturna: a ser bem melhor pensada e atuada na dimensão de *construção jamais acabada* e como incentivo prazeroso de descoberta e de invenção do mundo e de si. Faz-se, para isso, necessário conhecer e discutir continuamente os métodos de ensino de língua materna, haja vista que são estes os que mais implicarão na formação total dos estudantes. É igualmente de fundamental importância identificar as metodologias de trabalho e os gêneros textuais implicados, os seus objetivos e os seus procedimentos específicos, com os quais os educadores pretendam trabalhar a aquisição e o desenvolvimento da leitura e da escrita; bem como reavaliar continuamente a concepção que o educador tem a respeito do próprio ato de ler: como relação em aberto e participativa diante do mundo da vida, em seus mais distintos e diversificados aspectos, com os seus mais singulares e indefinidos atores.

É nesse sentido que se objetiva aqui analisar as práticas pedagógicas no processo de construção da leitura e da escrita, a pretexto de se relatar a experiência de possíveis

outros caminhos; a fim de igualmente se contribuir com o escopo de efetivamente conferir significado ao que se lê e, por conseguinte, ao que se escreve, por parte dos alunos.

Na compleição desse desafio, há de se enfatizar o fato de que o desenvolvimento das novas tecnologias, nas últimas décadas, vem influenciando todos os setores da atividade humana, proporcionando maior agilidade de comunicação, reduzindo esforços nas rotinas diárias e ampliando as possibilidades de acesso às informações em todo o mundo. Estamos vivendo num mundo globalizado, de informações e de conhecimentos disponibilizados em redes integradas e compartilhadas; um mundo no qual a sociedade, de modo cada vez mais democrático, tem a chance de acompanhar todos os acontecimentos, de acessar todos os conteúdos científicos e cognitivos, de apreciar todas as produções e criações da arte e do intelecto humano, de estar ininterruptamente conectada com a realidade, em seu todo, por intermédio das tecnologias digitais.

À primeira vista, talvez fôssemos tentados, apressadamente, a pensar que o atual desinteresse pela leitura se desse, pelo menos em parte, em função dessa volatilidade e dessa profusão avassaladora de informação, em vertigem e sem critérios de controle e de orientação. Lembramo-nos, no entanto, e mais – sentimos –, que talvez o que a escola mais necessite nesse momento é precisamente perder o controle: o controle sobre o quê e sobre como se deve ler e aprender. Percebemos que justamente isso é o que tem feito da escola - e da sua maior prática, que é a leitura - uma obrigação: uma exigência sem atrativos, sem encantos, sem recompensas - que não sejam, por fim, a nota, a promoção escolar e os arremedados e angustiosos prospectos futuros (em formação para a *vida adulta profissional*).

De fato, talvez o mais importante não seja a forma do ensino, tampouco os objetivos estabelecidos, mas as oportunidades de construção e de vivência conjunta das experiências; das quais a escola pode se tornar um interessante e pródigo laboratório de leituras e de práticas, com objetivos que parem bem além das exigências de um mero instituto de disciplinas, de aproveitamentos e de instruções curriculares formais: cada vez mais sem nenhum sentido para a percepção das experiências da vida e do mundo em que ora vivemos (em intercorrentes crises, informatizado, impessoal e refém de medos, de muitos medos).

Na verdade, compreendemos que absolutamente nenhuma das mais recentes tecnologias da informática e da comunicação, até hoje, nos impediu de adotarmos a leitura como um hábito necessário de incentivo à descoberta de si, dos outros e do

mundo; uma prática saudável, sociável, não solitária e, por isso mesmo, imprescindível para o nosso dia-a-dia. Em nenhum momento restringimos a nossa mente, a nossa disposição e a nossa ação educacional às eventuais possibilidades de exclusão, de marginalização e/ou de segregação tecnológica.

Compreendendo a essência das propostas de trabalho com a internet e com as ferramentas da informática - que é a de acessibilidade, interatividade e conectividade com o conhecimento e com a informação -, a equipe de professores de Língua portuguesa da E. E. E.F.II. Santa Filomena, na cidade de Monteiro, no interior da Paraíba, concebeu a Biblioteca como um espaço também de interação com as novas tecnologias, a facilitar as vivências e as atividades contínuas de experiências significativas - de aprendizagem sem restrições -, em torno da discussão do conhecimento e dos temas de interesse dos estudantes. Um espaço, portanto, não de eventual visitação, de aleatória consulta ou de *fuga   sala de aula*. Um espaço, por isso, pensado em integra o com o Laboratório de Informática: um só ambiente, em que se apresente aos estudantes o espaço das livres e infinitas possibilidades do conhecimento e do aprendizado, como um mundo em miniatura do Mundo.

Nesse novo espaço de convivência, de leitura, de pesquisa e, sobretudo, de intera o midiática e humanizada com o mundo do conhecimento e das descobertas (portanto o melhor e mais precioso espaço da escola), passou a predominar paulatinamente a liberdade e a iniciativa de cada um, em concerto com a de todos os demais estudantes. Referimo-nos   liberdade,   autonomia dos mesmos e de suas lideranças: no assumir de suas próprias concep oes de a oes e de perspectivas de resultados e de responsabilidades, em seus trabalhos no âmbito da escola igualmente estendidos ao dia-a-dia de suas experiências em casa, na comunidade e nos demais espaços de intera o e de constru o social da personalidade e da consciência - críticas, humanas e reflexivas.

No que toca a constru o das próprias tomadas de decisão pelos estudantes e ao desdobrar disso na forma o e no incentivo   leitura pelos mesmos, a respeito das escolhas do que pretendiam ler e acessar, para, em seguida, compartilhar com todos os demais, os professores de Língua Portuguesa da escola desempenharam um papel fundamental de incentivo, de valoriza o da auto-estima e de capacita o: em coordena o de todos os processos de aprendizagem aut noma e de leitura orientada, tanto nas m dias impressas como nas eletr nicas.

Cada vez com mais segurança, pudemos perceber que o aprendizado e a aquisição de leitura ganham exponencialmente quando é o estudante que decide a respeito daquilo que lhe parece mais relevante aprender, ler, discutir e refletir; sempre a contemplar a possibilidade de, em seguida, agir. Desde que bem orientada - e nunca solitária ou egoisticamente - essa liberdade conferida ao estudante, ao leitor em formação, ao pesquisador iniciante, ao cidadão que dá os seus primeiros passos, preconiza a todos a chance de inventar e de reinventar sentidos para o próprio cotidiano: sem receio e bem guiados a respeito do uso das ferramentas de tecnologias da informação (destituídas, aos poucos, quaisquer falsas impressões de que o saber contido nos registros escritos é algo imposto, chato e enfadonho).

A condução dos professores nesse processo de criação de autonomia e de liberdade, diante das escolhas e das possibilidades do conhecimento crítico, foi, por isso, fundamental. Agimos no sentido de priorizar o compartilhamento das apreensões de todos e de todas diante dos medos, dos atuais espectros de violência, de preconceitos, de insensibilidades, de desconhecimento, de desafios de sustentabilidade e de convivência, que então rondam as nossas vidas e que se generalizaram em nossa sociedade - veiculados sobremodo por intermédio das atuais tecnologias da informação.

Ao vermo-nos todas e todos mais próximos em nossas fragilidades, em nossos medos, em nossas dificuldades e também em nossas possibilidades e recursos comuns, os estudantes, antes meros colegas entre si, e os professores, antes prepostos da disciplina e da repreensão curricular, identificamo-nos uns com os outros. Aos poucos, descontraidamente, sob a condução e a sensibilização de inovadoras propostas de trabalho com a leitura, mediante a discussão promovida a respeito do que se preconiza em educação como temas transversais e geradores, com possibilidades de sequências didáticas e de aprendizagem a respeito do que seja relevante para a formação humana, puderam, enfim, nos aproximarmos uns dos outros. Estabelecida a confiança, despertados os interesses e as afinidades, é que espontaneamente se direcionaram as novas possibilidades de trabalho com a leitura, com a escrita e com a iniciação à pesquisa.

Mediante essa transformação realizada prioritariamente no espaço da Biblioteca, como um equipamento e um patrimônio que passou aos poucos a ser controlado e mesmo gerido pelos próprios estudantes, com pauta na proposta de se trabalhar a leitura a partir da perspectiva do que eles decidem como sendo importante, da escolha a propósito do que querem ler e da conseqüente invenção acerca das maneiras de

compartilhar com os demais as experiências, os resultados e os aprendizados dessas leituras, os nossos alunos estão criando e cultivando verdadeiramente a intimidade com os diversos gêneros textuais e, por conseguinte, da pesquisa muito melhor orientada nas redes informáticas. Pela experiência compartilhada de leitura sentem-se e tornam-se defensores e disseminadores do que aprenderam, despertado neles o desejo de também ensinar, a estima de também serem produtores de saber.

1. A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL SANTA FILOMENA-MONTEIRO/PB

Toda essa transformação começou com a nossa iniciativa, bastante modesta, de transformar as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental em clubes de leitura, mediante os quais a leitura de uma obra, sobre cujo interesse estabelecia-se o consenso, era dividida, em partes mais ou menos iguais, por equipes. Essas equipes inicialmente tinham acesso apenas a partes ou a capítulos, destacados do todo da obra. A proposta partia sempre do princípio de construção de um painel integrado de leitura, como em um mosaico; em que as imagens e as personagens das tramas das histórias, e os seus contingentes ensinamentos, assumiam formas e conseqüências apenas com a contribuição e com a participação de todos os que se viam envolvidos em sua construção.

A disposição, a expectativa, o entusiasmo em contar, em narrar, em representar, em dramatizar traduzia o empenho dos estudantes em mostrar como, de maneira profícua, todos e todas se interessavam em apropriar-se da história, em nela mergulhar e trazê-la como conseqüência para a própria vida. O resultado, invariavelmente, era a leitura da obra inteira por quase todo o mundo.

No intuito de criarmos o espaço idealizado para as nossas atividades de leitura - Biblioteca escolar integrada ao Laboratório de informática -, como ambiente dinâmico de interação e de aprendizagem, enfrentamos algumas dificuldades; principalmente quanto à escassez do acervo dos livros paradidáticos, de literatura e de interesses gerais. No entanto, antes de buscarmos os meios oficiais, decidimos voltarmos para a nossa própria comunidade, no sentido de mobilizar os alunos, a fim de que participassem da construção da Biblioteca que todos e que todas tanto queríamos, e que a nossa escola tanto merecia. Surgiu então a idéia de organizar campanhas comunitárias de doação e de arrecadação de livros.

No que a isso se segue, foi idealizada uma gincana. A turma que mais conseguisse arrecadar livros receberia um prêmio. Foram selecionados alguns critérios para a arrecadação, os livros não poderiam estar rasgados, sem capas, com páginas faltando e deveriam, preferencialmente, ser livros de literatura. Foi estabelecida uma pontuação: cada livro de literatura de escritores de língua portuguesa valeria 10 (dez) pontos, obras consideradas como clássicos da literatura universal igualmente contariam 10 (dez) pontos, obras de ficção de autores considerados comerciais, sejam traduções ou

originais no vernáculo, valeriam 07 (sete) pontos, todos os demais livros em bom estado de conservação, incluídos os livros didáticos, valeriam 05 (cinco) pontos.

Toda essa gincana movimentou muitíssimo a nossa escola, os meios de comunicação existentes em nossa cidade foram acionados e, também através da internet, das redes sociais, as turmas conseguiram muitos parceiros e doadores - junto às pessoas, às instituições e ao comércio local. Muitos livros, inclusive totalmente novos, foram doados. Para nós, em abril de 2013, a saagração do 9º (nono) ano como campeão da gincana, com a arrecadação de nada menos do que 231 (duzentos e trinta e um) livros, foi um momento inesquecível e, por que não dizê-lo, histórico. Por ocasião dessa vitória, os alunos foram premiados com um almoço especial, feito por todos nós da escola; do qual, ao final, toda a comunidade escolar participou – foi a comemoração da vitória e da união de todos. No total, foram doados e arrecadados 377 (trezentos e setenta e sete) livros, os quais foram somados ao nosso acervo e possibilitaram a iniciação de nossa ambição: que era a criação do clube e das rodas de leitura - de modo a que não se dependesse mais tanto do nosso, não tão bom, acesso à internet, caso quiséssemos ou tivéssemos de ler algumas páginas de literatura.

A criação deste verdadeiro espaço literário, integrado e inovador para os nossos padrões, do qual os alunos imediatamente se sentiram como os legítimos donos, justamente no ano em que a escola completou o seu jubileu de ouro, num ambiente renovado, informatizado, especialmente pensado e organizado com a participação dos próprios estudantes foi algo muito importante para nós. Estava plantada a semente da renovação de uma escola mais rica, com um sentimento solidário e comunitário muito mais forte e mais favorável à descoberta de novas possibilidades para a construção, o compartilhamento e a disseminação do conhecimento: uma vez ampliadas as possibilidades de um aprendizado mais autônomo, focado no protagonismo e nas iniciativas de leitura dos próprios estudantes, a priorizar o desenvolvimento do saber-fazer, do conhecer e do conviver- conducentes ao *saber de si, dos outros e do mundo*.

Tudo isso nos levou e nos leva a constatar que a leitura, quando compartilhada, quando incentivada e quando bem trabalhada, tem verdadeiramente o poder de estabelecer e de promover múltiplas ligações entre os saberes. O livro paradidático, sobretudo o livro de literatura, para os alunos, em específico nas aulas de português, pode proporcionar mais do que descobertas e do que respostas para os problemas humanos da vida prática, intelectual e sentimental. Ele se constitui, para os que participam da experiência de rodas de leitura e de atividades de painel integrado, como

um veículo de aprendizagem praticamente inesgotável, que os faz crescer como seres que pensam e que sentem diante dos demais; que contagia os indivíduos envolvidos em livres e em vívidas trocas de diálogos, de impressões, de encontros e de caminhos: que se abrem como possibilidades de cooperação e de convívio, a tornarem a prática da leitura algo cada vez prazeroso, elucidativo e convidativo.

Pretendemos com o nosso clube e com as nossas rodas virtuosas de leitura também incentivar os alunos a pesquisarem na internet: a respeito das obras, dos seus autores, dos contextos históricos, políticos e sociais dos movimentos literários nos quais se enquadram a concepção das mesmas; de modo a que se lancem luzes às ideias e aos conceitos encerrados pelo autor em sua obra, a provocar reflexões e a ajudar estes jovens educandos a gostarem e a se interessarem crescentemente, não só pela leitura, como também pela pesquisa.

Não nos resta dúvida a respeito do fato de que o hábito da leitura é uma porta aberta para transformar mentes, corações e lugares, haja vista a evidente necessidade de se entender a prática da mesma e, por conseguinte da escrita, como atributos indissociáveis para a construção da autonomia e do senso crítico-reflexivo do educando. Nessa perspectiva, devem-se levar em consideração os meios pedagógicos que têm sido utilizados em sala de aula, para que se possa compreender o processo de ensino e de aprendizagem da língua como algo emancipador, fazendo-se necessário conhecer e pôr em prática os métodos de ensino que eminentemente valorizem o incentivo à leitura e que decisivamente implicarão na formação fundamental do aluno para o mundo da vida: como protagonista de sua cultura e de sua autoprodução como ser humano e como cidadão crítico e liberto.

Na percepção disso, os professores de Língua portuguesa da E.E.E.F.II. Santa Filomena decidimos objetivar a análise e a implementação das práticas pedagógicas nos processos de construção autonomamente orientada da leitura e da escrita, sobretudo no que atine à pertinência e à eficácia de resultados de aquisição leitora entre os nossos estudantes. Buscávamos caminhos para que os educandos conseguissem melhor ler e conferir sentido e significado às suas interpretações; a fim de que, conseqüentemente, também melhor escrevessem e organizassem os seus pensamentos e as suas ações – e percebemos que só alcançaríamos esse patamar se eles estivessem juntos conosco nas iniciativas, e mesmo na dianteira destas, por nós incentivados.

No que a mim me competia nessa grande empreitada, ao chegar à Escola Santa Filomena, em março de 2013, percebi estar diante de um grande desafio. Fui incumbida

da tarefa de formar naquela instituição escolar uma Biblioteca e de disseminar a leitura entre os estudantes. De início, o espaço da *Biblioteca* de que se dispunha estava constantemente fechado e os livros encontravam-se completamente desorganizados e não alocados em mobiliário adequado. Para mim foi um enfrentamento ímpar – tínhamos, então, um espaço amplo, mas pouco mobiliário e pouco acervo, sobretudo de obras de interesse para a leitura.

Aquela espécie de semicaos com que me deparei, confesso que me decepcionou; mas olhando por outros ângulos, consegui ver ali a oportunidade de criar um ambiente agradável e prazeroso à leitura, para aqueles educandos, tão carentes de tudo: de leitura, de formação, de conhecimentos, de recursos de toda a sorte; mas também necessitados de estímulo, de atenção, de respeito, de sensibilidade e de terem alguém que os incentivasse em seus potenciais intelectuais e humanos. Através da leitura, sabia que eles poderiam alcançar um patamar de aprendizado e de desenvolvimento humano bem mais significativo do que o que ordinariamente vinham obtendo - apenas com as tradicionais aulas de exposição de conteúdos e de avaliações formais.

Aos poucos, iniciamos os trabalhos de separar os livros didáticos dos paradidáticos. Pensei, Senhor, por onde começar? Estavam as prateleiras cheias de livros, jogados de qualquer maneira. Os alunos entravam, olhavam e sequer pegavam em um livro. Os professores diziam nem ter tempo para olhar aqueles amontoados de livros. Os poucos que entravam iam apenas na hora do recreio, e mais por curiosidade. Logo em seguida, sentiam-se compelidos a sair, daquele espaço de desorganização e de livros jogados e esquecidos. Comecei então a imprimir uma metodologia ao meu trabalho, fui separando os livros e formando pilhas, no chão mesmo; distinguindo o que era paradidático, do que era didático, separando as revistas e os dicionários, entre outros.

Devagar, fui concebendo a ideia de como iniciar a caça ao que eu considerava – sempre considerei – como os tesouros de uma Biblioteca: as obras literárias. Primeiramente, fui organizando nas prateleiras exatamente estes que mais me interessavam, e que acreditava poderem ser lidos pelos alunos como atividade para além das exigências da sala de aula: os livros paradidáticos (de literatura). Em um dia, eu tinha organizado duas prateleiras destes livros. Cansada, empoeirada, mas com vontade e determinação, eu prosseguia. Já no segundo dia, alguns alunos chegaram de mansinho e perguntaram o que eu estava fazendo com todos aqueles livros. Queriam saber se eles seriam distribuídos; porque, se acaso fossem, estariam interessados em *ganhar* um ou

outro. Diziam também que nunca tinham tido antes acesso àqueles livros. Foi nesse momento que tive o primeiro contato efetivo com os alunos, e também o primeiro *insight* a propósito do que viria a ser o nosso projeto do clube de leitura.

Aproveitando a oportunidade, falei para aqueles estudantes que me procuravam sobre o meu trabalho de organização da Biblioteca escolar e de disponibilização dos títulos para empréstimo. Disse-lhes que, juntos, iríamos usar todo aquele acervo literário e os demais livros que ainda iríamos conseguir, e ali formar um espaço onde a leitura e o manuseio dos livros seriam um verdadeiro prazer. Disse-lhes, ademais, que, se eles quisessem, poderiam dar a sua contribuição, tanto ajudando na organização do espaço, como trazendo um livro ou outro de suas casas - o qual já tivesse sido lido ou que estivesse deixado esquecido, em um canto ou em uma estante. Por último, afirmei que a presença de todos e de todas seria muito importante e que seriam sempre muito bem-vindos, que – juntos - poderíamos deixar aquele espaço maravilhoso, aconchegante, convidativo; como um cantinho muito especial da escola, para a leitura, para a reflexão, para a meditação e não somente para o estudo, mas também para o relax.

Na despedida, ainda fiz questão de lhes comentar que a leitura é o que pode haver de mais importante na formação intelectual, cultural e pessoal dos indivíduos, e que todos e todas ali poderiam ainda viajar pela imaginação de cada um dos escritores daqueles livros.

Mesmo antes do término da organização da Biblioteca, no dia vinte e dois de julho do mesmo ano, dei início ao empréstimo dos livros. Os alunos e as alunas começaram juntos comigo, a divulgar aquela novidade na escola. Fomos então criando uma cumplicidade gostosa - eu arrumava os livros, tirava o pó, sentava, lia e mostrava muitos exemplares para eles. Apontando para as capas, destacava o título, o autor, o ilustrador (se houvesse) e lhes atiçava a curiosidade. Mostrava-lhes também as contracapas, geralmente com os resumos das obras, onde eles poderiam ter uma noção do conteúdo paradidático existente em cada livro.

Alguns, não exatamente muitos, foram gostando da novidade, se familiarizando com o acervo (já bem melhor organizado nas estantes) e levando livros literários para casa. Alguns liam ali mesmo, na própria escola. Destes, um ou outro sempre fazia questão de voltar para contar e comentar a respeito do que foi lido; e, em seguida, tomava outro livro emprestado. Essa movimentação e o entusiasmo de alguns realmente me encantaram. Desde então, comecei a aprender muito com aqueles adolescentes, percebi que eles, na verdade, estavam ávidos por conhecimento - não precisamente

curricular, mas a respeito das sutilezas das paisagens e da compreensão da alma, dos sentimentos e dos dramas da condição humana, dos quais apenas os bons autores de literatura sabem tão bem como tratar.

Hoje, tenho convicção de que para se formar um percuciente leitor o que é mais importante é mesmo o incentivo, que é o que verdadeiramente aumenta a auto-estima e encoraja os que começam a desbravarem as páginas da literatura. Com incentivos, com elogios, com exemplos e com orientações, acredito que toda escola pode, com certeza, se converter em um celeiro de profícuos leitores e leitoras.

Durante o tempo em que estive à frente da formação e da implantação daquela Biblioteca escolar, desde o mês de julho de 2013, foi registrado o empréstimo médio de quase um livro por aluno; foram, em cinco meses, mais de 140 (cento e quarenta) livros lidos. Somente um aluno do nono ano tomou emprestado, para ler em casa, 09 (nove) livros de literatura brasileira - em menos de 03 (três) meses, ele se interessou, entre outros autores, por José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães e Jorge Amado.

Empolgada com os resultados do meu trabalho, da minha divulgação, com a receptividade de alguns alunos, no mês de outubro de 2013, em que a escola Santa Filomena completou bodas de ouro, decidimos iniciar uma campanha nos meios de comunicação local, rádios FM, AM (ver em anexo 1) e provedores de Internet, a fim de atingirmos o comércio local e a mais ampla fatia da comunidade. O objetivo era o de adquirir e de arrecadar livros paradidáticos novos e/ou em bom estado de conservação, e aumentar o acervo da nossa Biblioteca escolar. Fui com os alunos às rádios, aos programas de entrevistas e de jornalismo, divulgando a nossa campanha para a realização do clube da leitura na E.E.E.F.II.Santa Filomena. Confesso que tudo saiu bem melhor do que o esperado, todos os participantes colaboraram bastante nesta campanha.

Aos onze dias de dezembro deste mesmo ano, organizamos e apresentamos, por ocasião da semana cultural da escola, a ACA, que quer dizer *Amostra de conhecimentos adquiridos* (ver anexos 2 e 3), os resultados dos nossos trabalhos: em uma exposição dos livros doados no auditório da escola, inclusive com uma pequena mostra de alguns escritores caririzeiros. Entre tantos ilustres, se destacaram as obras recolhidas dos escritores Jansen Filho e Abelardo Pereira dos Santos, algumas do professor Antônio Bezerra de Menezes, dos doutores Roberto Luiz de Carli e Juracy Nunes, bem como dos poetas Raniel Quintans e Célio Queiroz, entre tantos outros. A despreziosa exposição

acabou por notabilizar, inclusive como objeto digno de uma pesquisa mais aprofundada, a literatura monteirense.

Ouvindo os comentários dos alunos, pude perceber que não foram poucos os que ficaram surpresos com a quantidade de escritores locais, os quais eles sequer sabiam que existiam, os quais eles estavam conhecendo pela primeira vez. De fato, tantos escritores há em Monteiro, berço gerador de poetas, de cantadores e de tantos outros talentos, que passam cada vez mais esquecidos entre as novas gerações de nossa cidade.

Do resultado colhido daquele modesto e desprezioso trabalho, consistente em tornar as letras mais acessíveis aos jovens de nossa escola pública, pude pessoalmente colher a constatação de que um bom educador não pode parecer alguém perfeito, mas alguém próximo, que juntamente, como quem sempre aprende, tem a serenidade para se esvaziar e a sensibilidade para sentir-se com os demais, na busca contínua de garimpar novos conhecimentos. Na conclusão de nossos trabalhos do ano letivo de 2013, podemos observar o quanto foi proveitoso todo o aprendizado relativo ao incentivo e mesmo à iniciação à leitura, junto com aqueles estudantes e também com as professoras, principalmente as nossas parceiras da Língua portuguesa.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE EDUCAÇÃO E DE IDENTIDADE PARA A FORMAÇÃO LEITORA DE JOVENS E DE ADOLESCENTES.

A escola precisa verdadeiramente fomentar as práticas de leitura, quanto a isso não pode restar mais nenhuma dúvida; de modo a estimular os estudantes a desenvolverem definitivamente esse hábito. As atividades de leitura e, conseqüentemente, de escrita, infelizmente, não são práticas que fazem parte da rotina de nossas escolas, muito embora os educadores das diversas áreas compartilhem da mesma opinião e apontem para a importância do urgente investimento dos planejamentos, dos currículos e das políticas educacionais para o desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como para a valorização da compreensão dos sentidos interligados a essa prática, a fim de propiciar e de disseminar a ampliação do conhecimento e da capacidade de reflexão e de ação de nossos jovens no mundo da vida.

Segundo Orlandi, *apud* Pires (2000, p.21), no funcionamento da linguagem, os sujeitos e os sentidos afetados pela língua e pela história são diretamente postos em relação, tem-se – com o desenvolvimento da linguagem que se interpreta e que se reescreve em pensamentos e em ações – um complexo processo de constituição desses sujeitos e de produção de novos sentidos de vida (PIRES, 2000, p.21). Nessa mesma perspectiva, o que se deveria preconizar na concepção do ensino de língua nas escolas é a utilização e a atualização de práticas discursivas, na esteira do contato com diversos gêneros textuais. Essas práticas podem e devem ser desenvolvidas e (re) inventadas no próprio espaço da escola, haja vista que esse é um espaço de pluralidade e um lugar de identificação e de transformação. Dessa forma, o emprego e o incentivo à produção de vários gêneros e tipos textuais, discutidos e analisados na perspectiva do protagonismo dos estudantes, é algo imprescindível para a motivação do educando e para a formação de verdadeiros leitores.

Entendendo que há diferentes tipos de leitores, também deverá haver, sempre, diferentes compreensões e interpretações. Portanto, considerar as peculiaridades da sociedade, a diversidade e a pluralidade de visões e de perspectivas em que estamos inseridos é algo extremamente relevante, senão o passo primordial, para a construção de quaisquer sentidos verdadeiramente pertinentes ao mundo da vida, os quais tenham base e ênfase na leitura e na sua formação.

A leitura, a sua formação e o seu incentivo assumem assim uma grande importância na preparação para a vida; ela faz amadurecer as idéias, faz o indivíduo ter mais condições de raciocinar perante uma situação problemática que a vida lhe reserve. Ela é a chave que nos permite entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação para a discussão e a solução sensível, mediada e humanizadora de todas as questões.

Deste modo, se pode perceber que a palavra escrita nos transforma e nos incita inclusivamente diante das mais variadas realidades; nos faz *viajar*, imaginar, contemplar, compreender, humanizarmo-nos. A leitura desperta em nós não apenas o entendimento semântico ou cognitivo, mas igualmente o respeito, o interesse, a curiosidade, a imaginação, a criatividade diante do que é diverso; ela nos incita a continuamente descobrir pessoas, modos, idéias, conceitos e possibilidades sempre renovados; nos ajuda a ser cidadãos e cidadãs mais críticos, conscientes, responsáveis, solidários e participativos; ao mesmo tempo em que nos coloca mais à vontade conosco mesmos, com as diferenças humanas (que nos tornam tão iguais), debelando as nossas injunções de preconceitos, de ignorâncias, de intolerâncias e de incompreensões.

Tudo o que a leitura nos proporciona ajuda-nos a fomentar a interação entre os diferentes mundos do simbólico, do abstrato, do imagético, do conceitual e da prática, mediante o conhecimento, a produção material da vida e do trabalho. Ademais, é também a leitura a atividade que nos incentiva e que nos distingue à invariável tarefa íntima e regeneradora de nos conhecermos a nós mesmos, a nossas emoções, pensamentos e mundividências - refeitos cada vez mais no dia-a-dia dos relacionamentos, com a realidade repleta de reflexos.

Não na contramão desse amplíssimo e complexo entendimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua portuguesa ressaltam que, para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos. É igualmente necessário negociar sempre com o conhecimento que já se tem e com o que é (re) apresentado, em termos provavelmente diversos, pelo texto que se põe a ler. Ao ler a diversidade de concepções e de opiniões, de diferentes autores, sobre uma temática ou uma problemática específicas, se recebe incentivo e a ajuda de leitores mais experientes, que são justamente aqueles que se tornaram reconhecidos escritores. Toda leitura é, assim, fundamentalmente, um diálogo, uma conversa, em que há de prevalecer sempre a disposição de entender, de se entender, de entender o outro e de também fazer-se entendido. Destacamos, nesse sentido, as palavras de Foucault (1989, p.30), quando

nos diz que “ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa” (FOUCAMBERT, 1989, p. 30).

Todo processo de leitura, por último, apresenta-se como atividade humana por excelência, a possibilitar a participação reflexiva e atuante do ser na vida em sociedade, compreendendo o seu presente e o seu passado, abrindo-lhe as possibilidades de reais transformações culturais, sociais, políticas, econômicas, filosóficas e espirituais futuras.

A fim de que, no entanto, se promova e se consiga a efetiva formação de novas gerações de leitores, há de se construir as condições propícias para tal: o contato permanente com diversos e qualificados materiais, de diferentes variedades textuais, os quais viabilizem as ações de planejamento e de organização do trabalho pedagógico com foco no fomento e a propósito da leitura. É igualmente imprescindível que haja a destinação de espaços e de materiais nas mais diversas mídias, especialmente pensados para as inúmeras atividades de ensino e de aprendizagem com a leitura.

Há o educador de ter sempre em mente que a leitura e a escrita, depois da fala, consistem no meio de comunicação humana mais importante, uma vez que a atividade de ler e de escrever, além de corresponder a um desvendar gráfico de atribuições semânticas e de prerrogativas sintáticas, permite e abre caminhos para interpretar e para atualizar qualquer informação. A leitura é então o que, de maneira mais eficiente, permite desvendar o mundo. Um livro, por exemplo, pode provocar transformações profundas no pensamento ou no comportamento das pessoas. Saber ler é, por isso, deter a capacidade de perceber as mensagens em toda a sua abrangência e em toda a sua profundidade. É compreender, na própria realidade, o que se escreve, e tornar-se agente do processo de reescrita e de atualização daqueles conteúdos significativos; posto que com uma opinião própria a respeito do assunto, relacionando-o com outras obras e com outras leituras, de outros autores que tratam do mesmo tema.

Na compleição dessa compreensão acerca da leitura, pode-nos parecer que, à primeira vista, as tecnologias do mundo moderno fizeram com que as pessoas deixassem de lado a leitura de livros, o que talvez tenha resultado em jovens cada vez mais desinteressados pelas letras, possuindo vocabulários cada vez mais pobres. O desinteresse pela leitura, de fato verificado nas mais recentes gerações em nossas escolas, talvez, no entanto, não se deva diretamente ao avanço das tecnologias da informação e da comunicação, mas à veiculação e à desvirtuação dos conteúdos os quais às mesmas são priorizados. A exploração consumerista da imagem, da banalização dos valores e dos símbolos de status, a disseminação indiscriminada de uma erotomania

generalizada têm, de fato, convertido gerações inteiras em coletivos de meros consumidores, artisticamente inexpressivos, politicamente despersonalizados, esteticamente indiferentes, afetivamente insensíveis, afásicos, traficantes de sensações furtivas, desumanizados. A culpa disso, com certeza, não é, entretanto, da tecnologia, mas da manumissão burguesa, egoísta, com que as idéias e os modelos têm sido mecanicamente apresentados e mimeticamente infundidos à compreensão e ao comportamento das populações, por parte dos agentes de um sistema de vida capitalista que é incontrovertidamente presidido por interesses de grandes grupos econômicos, corporativos, midiáticos e exploradores da vida das pessoas e do planeta.

A leitura é algo crucial para a libertação de qualquer dominação ideológica, para a compreensão autônoma de qualquer expediente de exploração dos sentidos e dos conceitos, para a aprendizagem e para a conscientização acerca das fragilidades e das potencialidades do ser humano, para a valorização de sua aura e de suas percepções artísticas; pois é através dela que, não só podemos enriquecer o nosso vocabulário, mas também obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação, potencializar os sentidos, como igualmente alimentar a nossa mente e, por que não dizê-lo, a nossa alma: aproximando-nos, identificando-nos uns com os outros.

Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro. No entanto, isso acontece por falta de hábito, por falta de educação, por ignorância; ou por achar que será algo enfadonho e que não lhes fará nenhuma diferença, sem lhes trazer qualquer benefício imediato. Relega-se, assim, a leitura a uma condição de obrigação, ou de necessidade imposta – como uma exigência, que deve ser apenas minimamente cumprida para o funcionamento dos procedimentos indispensáveis do dia-a-dia, para a execução das funções institucionais da vida moderna. Em resumo: leitura apenas para a decodificação de normas, para o prosseguimento de instruções e para o curso de recomendações – realmente, nada poderia ser mais chato e minimizador da condição humana do que a leitura meramente instrumentalizada.

No entanto, se a leitura fosse um hábito para a maioria das pessoas, como o é em outras sociedades diferentes da brasileira, saberiam todos detectar, sobremaneira nos livros, uma fonte de prazer e de satisfação (íntima e coletiva); saberia a maioria apreciar, por exemplo, uma boa obra literária, em tudo o que ela pode nos descortinar a respeito da complexidade dos comportamentos e dos sentimentos humanos.

2.1 A Articulação mediadora da leitura: Promovendo o grupo e o indivíduo.

A fim de que se possa estimular e desenvolver a capacidade de ler e, por conseguinte, também de aprender dos/com os estudantes, há de se priorizar e de se exercitar entre eles três meios ou habilidades básicas: a leitura prazerosa, a escrita de autoria e a avaliação etno-matemático (que tem a ver com a compreensão sistêmica do cotidiano local, com a visualização do cálculo e das grandezas mediante a cultura e a empiria direta do real).

Na verdade, não se trata apenas de inconseqüentemente ler, escrever e calcular; assim... de qualquer jeito... para nada de realmente significativo e sem qualquer propósito de vida propriamente sentido. Com enfoque no diagnóstico das precariedades de nossa educação, o escopo de todas as ações mais urgentes na escola não tem como desviar-se de ter de, por isso, atingir o domínio cada vez mais pleno dessas três habilidades básicas, haja vista que as mesmas estão na base da vida. Colimá-las, paulatinamente, entre os nossos jovens, as nossas crianças e os nossos adolescentes no âmbito da vida escolar não implica, contudo, meramente submetê-los a reiterados treinos – artificialmente concebidos em esquemas e em seqüência didáticas prontas, e a serem objetivamente aplicadas como fórmulas mnemônicas e cognitivas. O que se há de convictamente promover é o compartilhamento, a socialização e a aplicabilidade prática dos resultados de todos os trabalhos desenvolvidos na escola.

Estas três habilidades ou meios (leitura prazerosa, escrita de autonomia e cálculo etno-matemático), na realidade, constituem o caminho básico para o desenvolvimento de todas as demais capacidades de aprendizagem. Desses três meios, recorrentemente em nossa escola, o desempenho do leitor é o que tem se mostrado provavelmente o mais precário e comprometedor da aprendizagem de todos os outros demais conteúdos, de um modo geral. Ao que equivale dizer que o desempenho leitor em nossas escolas, via de regra, tem-se mostrado inferior ao aproveitamento da escrita e da matemática entre os estudantes.

A Lei de diretrizes e bases da Educação, de alguma maneira, nos parece sugerir que a importância da leitura está diretamente relacionada ao desenvolvimento da capacidade do indivíduo e dos coletivos reflexiva e conscientemente, aprenderem em todas as demais áreas do conhecimento, posto que a leitura siga invariavelmente sempre sendo trabalhada de modo restritivo nas aulas de Língua portuguesa: de maneira estanque, reduzida muita vez a mera compreensão textual, desconexa à realidade e

aferrada às tímidas propostas de trabalho do livro didático que é distribuído pela escola. Não há um verdadeiro desenvolvimento ou aprendizagem, com reais discussões e incursões aos sentidos dos textos superficialmente lidos e fichados. Trata-se de algo, por isso, sem consequências na vida do dia-a-dia, que geralmente não passa da primária decodificação daquilo que está escrito, seja em situação normal ou especial.

Aprender a ler é, contudo, a habilidade que vai sempre exigir mais da escola, de sua equipe inteira de docentes e de supervisores e coordenadores pedagógicos (e não apenas do professor de Língua portuguesa), em uma concepção de planejamento e de trabalho a exigir coesão, consciência e foco no objetivo maior da Educação: que é o de iniciação e de autonomização dos estudantes no mundo do conhecimento, tornando-lhes verdadeiros leitores e futuros pesquisadores.

Trata-se de uma tarefa que, por isso, há de ser continuamente renovada, sempre (re) formulada em criativas e em inéditas propostas, em diferentes formatos. Ou seja, a leitura jamais pode ser encarada pela escola como mera decodificação, ou como consequência direta da alfabetização (baseada unicamente no reconhecimento das letras, na discriminação das vogais, das consoantes, na silabação, por exemplo).

Trata-se, bem ao arrepio de tudo isso, de um convite, de uma incitação constante à reflexão, à crítica, à compreensão, à construção compartilhada de sentidos, de pensamentos e de soluções; um trabalho, portanto, bastante complexo e de fluxo contínuo, que deve valorizar a diversidade de sentidos e de possibilidades: desde a fase da pré-leitura (que corresponde à discussão inicial, à tempestade de idéias, à valorização das leituras, das experiências e dos conhecimentos prévios de mundo), de modo a que, em seguida, aí sim, atentamente seja ativado o *processo em si da leitura* (a sua prática, mediante a motivação e a garantia das condições adequadas para tanto), sem que jamais se descuide, por último – mas não menos -, da pós-leitura (que provavelmente é a fase mais importante de toda a atividade leitora, em que se processam as consequências dos procedimentos de leitura, e em que se contemplam as transformações e as inquietações que - se espera - tenha a leitura proporcionado).

Essa leitura compreensiva (que é interpretação, discussão, transformação e consequência atitudinal; e não simples decodificação) consiste em ler, em propriamente entender e em poder incorporar o que se lê: algo que, por isso, demanda a descoberta e o diálogo com os propósitos e com as intenções do escritor. É essa atividade com a leitura que irá realmente desenvolver a capacidade de aprender dos alunos, e formá-los como agentes transformadores da própria realidade.

Ferreiro (1987, p. 48), ao pesquisar sobre essa temática de aquisição e de formação leitora, procurou saber como a criança aprende a ler e a escrever. Ao deslocar o eixo da análise de como se ensina e de como se aprende – de atividade de apreensão, para pró-atividade de interação –, a autora apresentou idéias que correspondem, nos estudos de aprendizagem leitora, a uma verdadeira revelação conceitual – que essencialmente demanda o abandono dos vícios de ênfases em repetição e em memorização, tão característicos das práticas tradicionais de ensino; em substituição por propostas de construção do texto por intermédio da própria atividade de leitura.

No que a isso se segue, a aprendizagem da leitura dependeria, fundamentalmente, de um fator: estaria relacionado com o fato de *se querer verdadeiramente aprender a ler* – uma disposição a qual deve ser maximamente estimulada, e que pode ser refletida nas formas de expectativas, de interesses, de motivação, de atenção, de compreensão e, sobretudo, de participação inclusiva e afirmativa do leitor em formação.

Querer aprender a ler é, pois, o primeiro passo para se ler, para se *aprender a aprender*. Portanto, para que se desenvolva a leitura é preciso, antes, possibilitar a quem quer aprender *envolver-se em leituras*; para gostar, cada vez mais, de ler. Se há a disposição para se aprender a ler, deverá haver igualmente a possibilidade de se chegar à compreensão de que *a capacidade de aprender* corresponde à consideração do leitor, em formação, de que se pode aprender *lendo*.

Afinal, é somente com a leitura que nos é dado descobrimos um mundo novo, cheio de coisas desconhecidas. Há, portanto, uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. Quando transformada em obrigação, a leitura se resume a um simples enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura devemos, pois, ter a liberdade de escolher o que ler.

Ainda que a trilha da leitura seja a da liberdade e a da autonomia do sujeito, acreditamos e apostamos que, não noutra sentido, com o incentivo à leitura de obras regionais e nacionais, o educando pode desenvolver mais conscientemente as suas aptidões ou as suas competências e habilidades de natureza intelectual e cognitiva, na tentativa de autonomamente apropriar-se de sua realidade. A ênfase nas leituras sobre a sua realidade local pode lhe propiciar a construção da identidade no estro de sua própria cultura, nos passos da história, dos costumes e dos valores imateriais de seu próprio povo, a respeito de sua originalidade ancestral – que o liguem afetivamente à sua gente e à sua terra.

A aptidão e a identificação intelectual ajudam a ler para aprender a pensar a prática social intrínseca à vida, e a aptidão procedimental da leitura há de se dar prioritariamente na aprendizagem voltada para a atuação no mundo da vida, da cultura e do trabalho no tempo presente e, principalmente, na própria realidade. Como consequência disso, desenvolver essa consciência do leitor com base no que é dito sobre a sua própria história - como pessoa e como cidadão, descendente de manifestações culturais, sociais e afetivas historicamente específicas - tornam-no um herdeiro legítimo das potencialidades de desenvolvimento e de transformação da realidade de seu entorno.

Por último, o hábito da leitura é provavelmente o maior bem intelectual e cognitivo dos indivíduos e dos coletivos, no sentido de promoção da compreensão crítica, reflexiva, criativa e interventiva da própria realidade; um hábito que vai favorecer, enfim, a qualidade de vida de todos, que vai disseminar o entendimento, o conhecimento e o pensamento em geral, devendo ser semeado desde a infância, ainda no convívio familiar. É, por isso, um caminho a ser percorrido partindo sempre da conscientização social.

Acreditamos, no entanto, que – como sintoma de humanidade, sempre possível – a formação e o desenvolvimento da leitura são realizáveis em qualquer idade: em todo e qualquer evento que disponha o ser humano ao conhecimento de si, dos demais e do seu mundo (incentivado a inventar-se e a criar-se como alguém melhor, no seio de sua própria existência pessoal e social). Dessa forma, diante disso, talvez o primordial papel da escola não se traduza senão na formação de cidadãos críticos, sensíveis e responsáveis; conforme o que, de fato, preconizam os parâmetros da educação nacional. Ao que equivale dizer: leitores, intérpretes e agentes de si e de seu mundo. É importante que se saiba, pois, orientar, de forma coerente, os métodos utilizados para que o aluno venha a desenvolver a sua leitura, sempre de forma a que possa compreender a si e ao mundo em que vive.

3. A ANÁLISE DAS DIFICULDADES QUE OS ESTUDANTES DA E.E.E.F.II SANTA FILOMENA, DA CIDADE DE MONTEIRO/PB, ENFRENTAM PARA A SUA FORMAÇÃO E PARA O SEU DESENVOLVIMENTO LEITOR.

O processo educacional como aquisição conscienciosa da identidade e da liberdade do indivíduo, bem como do desenvolvimento de suas habilidades, perante si e os coletivos que significam a sua personalidade e as suas capacidades de realização no mundo da prática e da existência, converge para a formulação da leitura como a mais importante e a mais constante atividade a atravessar todas as propostas de trabalho no ambiente escolar.

Conforme já dissemos, isso só pode ser devidamente compreendido e priorizado se a escola oferecer meios, no sentido de garantir o acesso orientado dos estudantes às mais variadas obras, nas mais diversas mídias, dos diferentes tipos e gêneros de texto, na propositura das mais instigantes e estimuladoras atividades de imersão e de integração na leitura. Esta é a condição, *sine qua non*, torna-se impossível conceber-se formar e incentivar o desenvolvimento da leitura na escola; e sem o hábito de ler, fatalmente, restam impedidas quaisquer reais possibilidades de trabalho – as quais, seriamente, se proponham na perspectiva de uma educação de qualidade.

O ato de ler, também de acordo com o que já dissemos, não é simplesmente à repetição de informações; a fim de que, assim, criticamente, possa se dar a construção do conhecimento e a produção de quaisquer outros textos. Referimo-nos, pois, à leitura significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno, como participante do processo de aprendizagem, e que contribui muito para uma melhor e mais agradável aquisição de todo e qualquer ulterior processo de aprendizagem. Para isso, defendemos a incitação ao prazer de ler, que impulse e que mantenha vida afora (ou adentro) viva a leitura na chama de todas as práticas e de todas as existências.

Sendo a escola a instituição moderna encarregada de transmitir a cultura e o conhecimento às novas gerações, é nela que as expressões aprender a ler e ler para aprender ganham o seu significado primeiro, a fim de que efetivamente se alcance o objetivo mais básico da educação: que é o de formar o leitor crítico – da sua própria realidade, da(s) sua(s) própria(s) cultura(s) e das demais. Por fim, a leitura é, indiscutivelmente, a ferramenta mais essencial de todo e qualquer processo de aprendizagem.

Educadores que são verdadeiros modelos de leitores são os que demonstram entusiasmo pela leitura, que conhecem as características dos processos de leitura, que selecionam textos os quais são significativos para os alunos, que estão sempre abertos às discussões e às interpretações, de diferentes matizes, sobre a leitura de uma mesma e determinada obra.

Acreditamos que somente respeitando os direitos às individualidades, às convicções e às visões próprias de nossos estudantes, e encorajando-os a compartilharem as suas disposições diante do mundo com os demais e com o conhecimento que lhes é disponibilizado por meio da leitura é que podemos orientar eficazmente o leitor em formação; sobretudo as crianças, os adolescentes e os jovens de nossa escola pública - a fim de que, da mesma forma, passem a respeitar e a valorizar as diferentes expressões e as diferentes posições que se lhes são apresentadas no convívio social. A propósito disso, onde melhor pode estar expressada a dialética da vida e da realidade do que na leitura de boas obras literárias, a descerrarem os véus da condição e da contingência humanas (por ora aparentemente tão ambivalentes, tão contraditórias; por outra tão profusas e tão cheias de possibilidades inusitadas)?

Formado o leitor, está criado, então, um vínculo indissociável com a humanidade, com a responsabilidade e com a sensibilidade diante de seus dilemas, de suas necessidades e de suas potencialidades. A leitura passa a ser um ímã que atrai e que prende o leitor, numa relação de amor e de tensão, da qual ele, por sua vez, não deseja mais desprender-se. Ainda diante disso – insistimos -, a leitura, como grande instrumento facilitador da aprendizagem, precisa ganhar absoluto lugar de destaque nas escolas.

Durante o processo de criar e de organizar a Biblioteca em nossa escola, pude perceber as muitas falhas que temos e que reproduzimos com relação à formação e ao incentivo à leitura – consistentes, sobretudo, em não incentivarmos ou em não incentivarmos o bastante e devidamente o gosto e o interesse dos educandos pelos livros. Ao se tratar do processo de aquisição e de formação de leitura, é preciso, antes de tudo, saber quais são as dificuldades que geram as resistências diante do ato de ler e o que realmente se precisa para se iniciar convenientemente a leitura, programando as atividades e as propostas de trabalho da escola a partir do incentivo às descobertas que envolvam e que inserem, cada vez mais, os educandos no mundo da leitura e também da pesquisa.

Não há fórmula certa ou garantida para se alcançar na escola esse patamar da cultura da leitura. Sabemos, contudo, que aprender a ler significa *aprender a ler o mundo*. Diante disso, a função do educador, notadamente a do professor de Língua portuguesa do Ensino fundamental, não seria precisamente a de *ensinar o estudante a ler* - conforme ainda se concebe, por exemplo, em nossa escola -, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem leitora, conforme os seus próprios interesses, guiado sim por suas fantasias, seguindo o respiradouro das suas dúvidas e mediante a contingência das exigências e das necessidades que a própria realidade lhe apresenta (Cf. MARTINS, 1999, p.34).

Partindo desse pressuposto, percebemos que o que mais carece ser trabalhado em nossa escola para oportunizar a verdadeira formação leitora de nossos estudantes não são as exigências e as solicitações materiais, por livros e por equipamentos de informática, por exemplo, (os quais, sem dúvida nenhuma, são igualmente imprescindíveis), muito menos os planejamentos escorchantes, formalmente reféns das exigências curriculares e dos eventos que alegorizam a leitura em feiras e em festivais, mas que estão longe de torná-la algo realmente interessante e envolvente (não que esses eventos, o seu calendário e a sua organização não tenham de ser pensados, posto que a sua idealização e a sua programação devam ser prioritariamente protagonizadas pelos estudantes).

À revelia do que se menciona acima, pensamos que a nossa escola deve priorizar - quanto à necessidade de formação leitora e de incentivo à leitura - principalmente a discussão contínua em torno da compreensão de todos os envolvidos no processo educacional (professores de todas as disciplinas, alunos, técnicos coordenadores e supervisores pedagógicos e sumamente os pais) em torno da consciência a respeito da importância inigualável da leitura para o crescimento da vida individual, social e cultural. A leitura em nossa escola e em nossa sociedade, percebemos, tem como função primordial despertar e proporcionar conhecimentos básicos para a construção integral da vida do ser em sociedade, ademais de amadurecê-lo para o exercício da cidadania. Há de, por isso, ser - sem exageros - incansavelmente enaltecida, engrandecida, sumamente valorizada e mesmo *divinizada* em nossa escola.

Na antevisão disso, é importante que os professores escolham e orientem a leitura de material, em todas as disciplinas, que seja significativo para a percepção intelectual e sensitiva do aluno em seu próprio entorno, a comunicar-lhe com a sua realidade (de maneira conscienciosa e prazerosa); pois só assim ele eficientemente mais

tarde desenvolverá o seu interesse em ler e em pesquisar textos diferenciados do seu cotidiano.

É igualmente importante uma aula prazerosa, com uma linguagem próxima e atraente, que eficazmente disponha os que estudam aqueles conteúdos à prática investigativa da leitura, em um ambiente onde haja diversidade de textos, de fontes, e em que se deixe os alunos à vontade: para fazerem as suas escolhas de leitura, aprendendo a estabelecerem o seu próprio caminho. De acordo com o que corrobora Cagliari (2003, p. 154), a formação autônoma do leitor depende do seu contato franqueado aos diferentes gêneros textuais de interesse, conforme os quais se proponham aberta e criativamente as práticas pedagógicas (como realidade próxima e familiar aos estudantes). Disso se infere a premência de se “ensinar as crianças e os adolescentes a lerem no seu próprio dialeto fundamental, a fim de se formarem bons leitores” (CAGLIARE, 2003, p. 154).

Por fim, há de se ressaltar que a leitura é fundamental não apenas na formação do aluno, mas também na formação do cidadão; e que considerável parcela do cumprimento dessa tarefa também recai sobre a escola - que formalmente tem a atribuição de ensinar e de educar as crianças, os adolescentes e os jovens para uma sociedade mais justa, mais desenvolvida e mais humanizada. No mister dessa atribuição, é a leitura a atividade que melhor suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, de enriquecer as próprias idéias diante do contato qualitativo com a diversidade do real. Como consequência direta de experiências intelectuais e emotivas significativas, o resultado da instalação da leitura, como hábito bem sucedido, propicia a formação de princípios éticos de convívio, além da compreensão mais plena do mundo que nos rodeia (Cf. BAMBERGUER, 2002, p.32).

Sentimos que essa percepção ainda falta grandemente em nossa escola, uma vez que a leitura é imposta aos nossos estudantes como uma mera exigência pedagógico-disciplinar, e não como um convite à reflexão e à responsabilidade. Talvez tenha sido essa visão distorcida, quanto à justificativa das atividades de leitura na escola, o principal empecilho ao nosso trabalho de formação do clube e das rodas de leitura, em nossa Biblioteca recém-criada; isso porque boa parte dos estudantes, vítimas da cultura escolar viam na leitura – principalmente de obras literárias - a mera exigência curricular, formal, das aulas de Língua Portuguesa.

Na contramão disso, a escola tem de compreender que a leitura é uma experiência inesgotável, adquirida no decorrer de toda a vida; posto que caiba a ela (à

escola) dar os subsídios convenientes à sua aquisição e ao seu desenvolvimento inicial, contribuindo para a formação de seres humanos críticos, sensíveis, reflexivos e participativos; capazes de compreender as características sociais, culturais e naturais nas quais estão inseridos.

Para tanto, cabe igualmente à escola a função de oferecer aos alunos um eficiente e atrativo programa de atividades focadas na leitura; a fim de que, sistematicamente, todos possam *aprender a ler* -autonomamente e de modo efetivo - todos os gêneros de textos e de expressões comunicativas, presentes na sociedade em que vivem. Espera-se que, assim, lhes seja possível distinguir que *leitor é aquele que analisa e que compreende as idéias dos autores*, e não quem inconseqüentemente decodifica um texto escrito.

De forma a vislumbrar os processos dinâmicos a serem possivelmente adotados e realizados dentro da escola para o fomento da leitura, foi que idealizamos a formação de clubes e de rodas de leitura entre os estudantes. Após organizar e formar a Biblioteca na Escola Estadual Santa Filomena, em Monteiro/PB, mediante a mobilização de uma expressiva campanha de doação de livros (sobretudo literários), sentimos a necessidade de fazer com que os mesmos fossem realmente lidos e discutidos. Os estudantes, na verdade, se mostravam curiosos com o novo espaço, integrado ao Laboratório de informática, mas se detinham em meramente manusear os livros, sem o ímpeto/estímulo de realmente querer lê-los. Como, então, despertar e cultivar o hábito da leitura entre aqueles jovens e adolescentes?

Uma vez razoavelmente implantado o espaço, a estratégia inicialmente pensada foi a de promover parcerias com as professoras de Língua portuguesa do Ensino fundamental, Maria do Carmo Vieira e Valdenice Gomes; no sentido de que, com os estudantes, fosse efetivamente ocupado o ambiente da Biblioteca e semeados os seus livros no planejamento e na execução das atividades.

Como ato inaugural desse propósito foi organizado, com o auxílio dos alunos e das professoras, uma exposição acerca da obra e da vida de escritores monteirenses. As pesquisas sobre a temática e o conteúdo das obras, sobretudo em verso, foram realizadas pelos próprios alunos, sob a nossa constante orientação. Por ocasião da ACA (Amostra de conhecimentos adquiridos, que é um evento de natureza inter e transdisciplinar, realizado pela equipe pedagógica da escola, como tentativa de integração dos distintos trabalhos e conteúdos sob responsabilidade dos docentes), com quinze dias, conseguimos montar, em dezembro de 2013 (conforme já noticiamos acima), uma

espécie de mostra da literatura caririzeira, sobretudo monteirense; durante a qual os nomes de escritores locais e de suas obras, antes desconhecidos, passaram a despertar e a disputar a atenção dos nossos estudantes.

A proposta, em seguida a isso, seria a roda de leitura de pelo menos algumas dessas obras, talvez a organização de um jogral, com a recitação de versos do poeta e repentista Pinto do Monteiro - algo para que, infelizmente, não houve tempo suficiente, antes que eu tivesse de me afastar dos trabalhos na escola.

Há de se asseverar que, na consecução de todos os nossos modestos - posto que determinados - esforços para a promoção da leitura na E.E.E.F.II Santa Filomena, pudemos desafortunadamente perceber como grande ou mesmo como maior dificuldade a resistência de alguns professores em estabelecer parcerias, comigo e com os alunos, num contexto articulado de trabalho - o qual assumisse como foco primaz o incentivo e a busca da leitura, sempre na perspectiva da inter e da transdisciplinaridade. A maioria argumentava a inflexão dos planejamentos e as exigências da direção, quanto à manutenção de uma proposta mais tradicional e que desse conta do calendário e dos conteúdos em seu bojo programados.

Em suma, praticamente todos argumentavam a impraticabilidade de se pensar a leitura dos títulos da Biblioteca como complemento às propostas de suas atividades de ensino - em razão da falta de tempo, da inconveniência do *atraso nas aulas*. Alguns outros, antes mesmo de que se dispusessem a pensar, afirmavam - mais diretamente - contarem com o imediato desinteresse e com o insucesso de atividades assim, haja vista *a incompreensão e o despreparo dos alunos*.

Portanto, chego à decepcionante conclusão de que organizar toda a nova Biblioteca, torná-la um ambiente mais convidativo e aconchegante, com mobiliário mais adequado, com computadores conectados à internet e à disposição para consulta, bem como envolver docentes e discentes, na comunidade escolar, em uma campanha para a doação de livros, com vistas a aumentar e a melhorar o acervo dessa nossa Biblioteca em formação, mostraram-se como tarefas bem mais fáceis e exequíveis do que convencer a maioria dos professores acerca da necessidade de se frequentar este novo ambiente, onde estavam os livros, e acerca da viabilidade de lê-los.

Envolver e estimular os educadores a vivenciarem a Biblioteca escolar como um espaço pedagógico de efetiva educação continuada não me foi, portanto, algo possível antes que tivesse de deixar os trabalhos na E.E.E.F.II Santa Filomena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema estudado e apresentado neste trabalho, bem como a referência à uma experiência prática com o mesmo, remete-nos à conjuntura de concepções as mais variadas, quanto à pertinência da leitura no contexto estudantil; provocando, inclusive, uma série de questionamentos relacionados à significação do ato de ler do aluno, ao longo de sua vida escolar.

Assim é que, através de algumas investigações bibliográficas sobre o assunto, fez-se notar o quanto o trabalho com a leitura literária, quando bem orientada, poderá servir à prática educativa em geral, mais precisamente no contexto do Ensino fundamental II. De fato, não nos resta dúvida de que o trabalho escolar com a leitura, especialmente literária, pode oferecer contribuições significativas, também para a formação da consciência e da personalidade dos indivíduos: inseridos em coletivos de cada vez mais solidariedade, consciência e participatividade - cultural social e política.

A articulação pedagógica, na construção de saberes imprescindíveis às aprendizagens subsequentes, também só se torna uma realidade por intermédio da habilidade leitora plenamente desenvolvida. Nesse sentido, o conhecimento prévio, na angulação da aprendizagem, mediante as fontes escritas do conhecimento, serve como subsídio ao enfrentamento interpretativo da dureza conceitual de vários aspectos, os quais estão intrinsecamente relacionados à formação continuada de leitores.

Diante da inexorável necessidade humana de seguir aprendendo sempre, deve-se compreender que a leitura não se dá de maneira taxativa num só período: ao contrário, é um processo que se desenvolve por toda a vida. Contudo, no que se refere aos primeiros anos escolares, em que se iniciam decisivamente as atividades relacionadas à leitura, o fazer pedagógico precisa de um encaminhamento favorável, observando atentamente as suas metodologias, a fim de que melhor atendam às características dos leitores em formação; considerando as suas peculiaridades e as suas necessidades, para que melhor sejam conduzidas as ações educacionais em formação dos valores e dos sistemas cognitivos de crianças, adolescentes e jovens.

Formar leitores competentes não é mais um sonho impossível de se concretizar. Muito pelo contrário, ele está cada dia mais real; motivar o prazer pela leitura não é uma das tarefas mais fáceis, contudo, é uma das mais gratificantes que podem existir, através de um clima de cumplicidade e de confiança a estabelecer-se entre alunos e professores. O professor é, com efeito, um dos principais agentes de fomento e de otimização na

condução desse processo de aquisição, de formação e de desenvolvimento da leitura. Ele, qualquer que seja a sua área, deve assumir o desafio de incentivar, de estimular, de orientar e de acompanhar as leituras de seus estudantes, trazendo à tona sempre novas propostas de ação pedagógicas, amparando-se, por exemplo, nos Parâmetros curriculares nacionais (PCNs), sempre atentamente de acordo com as necessidades dos estudantes de sua escola.

O profissional da educação não pode, de fato, ser apenas um orientador da aprendizagem. Torna-se fundamental que ele reaja *juntamente com as reações dos estudantes*, diante do que leram; seja apoiando-os, seja dissuadindo-os de que pode haver outras possibilidades de interpretação e de posicionamento diante dos conteúdos lidos; igualmente indicando-lhes outras fontes que estabeleçam o amadurecimento das visões, em contraditório dialético, em discussão participada e responsável.

Faz-se necessário que o educador busque, mediante a leitura que compartilha com os seus estudantes, possibilidades nunca apresentadas, que ouse e que não se permita ser influenciado pelos entraves que possam lhe aparecer na escola. Precisa demonstrar, com muita personalidade e com um espírito sempre instigador, a possibilidade de práticas alternativas e concretas, com base sempre na proposição de renovadas leituras. Necessita também envolver-se com os estudantes ante os problemas que se levantam e que são detectados na realidade de ensino e de aprendizagem; tanto dentro, como fora da escola, dando a sua parcela de contribuição: para ajustar, para adaptar, para modificar, para enriquecer as experiências educacionais.

No caso da leitura, o professor deve escolher os livros mediante a curiosidade dos alunos. Pois os interesses variam de acordo com os critérios sociais, econômicos, culturais e mesmo escolares. Partindo desse princípio, invariavelmente aparecerão leitores ativos e passivos; sendo que o leitor ativo é aquele que interage com o texto, buscando informações, indagando, questionando, fazendo uso de estratégias adequadas à via da leitura em questão. Ele processa o texto por indução ou dedução. Já o leitor passivo apenas fica à espera de informações, ao invés de se dispor a extraí-las do texto, reescrevendo-o com a sua leitura interpretativa e argumentativa.

No que se distingue entre uns e outros, cabe ao professor incitar a imaginação dos mais acomodados e possibilitar outras visões e possíveis abordagens alternativas aos mais emancipados, a fim de que todos prossigam a amadurecer as suas habilidades intelectivas, cognitivas e emotivas mediante a prática da leitura. O que é indiscutível é o

fato de que todas as estratégias utilizadas devem privilegiar o aluno; de modo a que se possa detectar e valorizar o seu gosto (Cf. SOLÉ, 1999, p.58).

Com a leitura, é igualmente necessário que se articulem diferentes proposições e situações de trabalho, as quais envolvam expressões orais, coletivas, individuais e também silenciosas; posto que sejam todas compartilhadas e encontrem azo nos livros mais adequados, a fim de que se alcancem os objetivos propostos a cada momento. A única condição realmente imprescindível nesse sentido é a de que se consiga que a atividade de leitura seja simplificada para as crianças e para os jovens, de modo a que corresponda a uma finalidade a qual todos possam, de algum modo, por último compreender e compartilhar.

A dimensão do maravilhoso, da poesia, da fabulação, dos mitos e das lendas, modo geral presente na ficção literária, tem uma linguagem metafórica que se comunica facilmente com o pensamento fértil e imaginativo de crianças e, em certa medida, também de adolescentes e de jovens, fazendo com que os mesmos mais provavelmente se tornem leitores apaixonados. É com a aceitação desse texto, o que somente ocorre quando a criança e o jovem têm a liberdade de escolher o seu material de leitura, que o professor pode aumentar as suas chances de realizar um frutífero trabalho de incursão leitora. Todas estas são atitudes e disposições que ajudam o aluno a crescer valorizando o livro. Até aqueles que *não gostam de ler* podem se sentir motivados se estiverem livres para escolherem o que pretendem e o que admitem querer ler.

É bem certo que muitos estudantes preferem a internet, a televisão, os videogames aos livros. Diante dessa realidade, acreditamos que os pais têm de colaborar, tentando atrair, estimular os seus filhos para as satisfações da leitura, a qual pode se dar na tela de um computador ou de um *tablet*, sem nenhum prejuízo. Os pais, efetivamente, têm de ser os parceiros dos professores e da escola para a formação de leitores competentes.

Nessas linhas gerais, de comentário a respeito da importância fundamental da leitura e da descrição de nossa experiência de trabalho com a leitura na E.E.E.F.II Santa Filomena, é que se fundamentou e que se elaborou o propósito desta monografia; a qual representa o início de uma caminhada com perspectivas de aprofundamento sobre a temática em questão. É bem convincente, pelo menos em termos pessoais, a justificativa da opção feita por este estudo; o qual, segundo o que me parece, almeja o escopo de ajudar a conscientizar professores e alunos sobre a importância da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, Professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRO, Emília. **Os Processos de Leitura e Escrita.** 1º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FOUCAMBERT: In **Salto para o Futuro.** Ática, 7º edição. São Paulo, 2000.

GAGLIARE, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística,** 10º ed. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso** – Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes (2000).

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

PIRES, Cintia Suellen; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **A prática da leitura na escola,** 2013. (REVISTA NATIVA, VI, N 1).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed. 1998.

Anexos



Anexo 1: Campanha de divulgação do projeto nas rádio locais



Anexo 2: Amostra de Conhecimentos Adquiridos



Anexo 3: Biblioteca Santa Filomena em funcionamento



Anexo 4: Biblioteca Santa Filomena em funcionamento